



LIVRO

OTIMISMO CRÍTICO: UMA APOSTA DECOLONIAL

ALEXANDRE ARAUJO BISPO
ABCA/SÃO PAULO

RESUMO: O livro *A virada decolonial na arte brasileira*, da crítica e professora Alessandra Simões Paiva oferece ao leitor uma detalhada pesquisa sobre as mudanças sociais e culturais que vêm ocorrendo há quase uma década no cenário das artes visuais no país. Sugere-se que a autora é otimista ao supor que a teoria e prática decoloniais podem tanto mudar o sistema de arte, quanto enfrentar questões políticas como o conservadorismo.

PALAVRAS CHAVE: Decolonialidade; Arte brasileira; Alessandra Simões Paiva; Universidade Federal do Sul da Bahia; otimismo crítico; Alexandre Bispo

ABSTRACT: The book *A virada decolonial na arte brasileira*, by the critic and professor Alessandra Simões Paiva offers the reader a detailed research on the social and cultural changes that have been occurring for almost a decade in the visual arts scene in the country. It is suggested that the author is optimistic in assuming that decolonial theory and practice can both change the art system and confront political issues such as conservatism.

KEYWORDS: Decolonialism; Brazilian art; Alessandra Simões Paiva; Federal University of Southern Bahia; critical optimism; Alexandre Bispo



Fig. 1: Alessandra Simões Paiva, pesquisadora e professora da UFSB. Foto: Rafael Botas.

Lançado em dezembro de 2022 no Centro de Pesquisa e Formação do Sesc (CPF), o livro *A virada decolonial na arte brasileira* da crítica de artes visuais, membra da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) e professora do curso de artes visuais da

Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) desde 2015, Alessandra Simões Paiva, oferece ao leitor interessado no tema, uma explicação sobre as mudanças que vem ocorrendo há quase uma década no cenário das artes visuais no país. Acompanhando tendências internacionais de questionamento do sistema da arte, um dos argumentos centrais do livro é que o sistema, pressionado por aqueles agentes que não gozavam de visibilidade e voz, teve que se abrir. A sensação que fica ao ler o livro é de que houve um certo levante dos até então sem voz e invisibilizados: artistas, curadores, críticos e coletivos então subalternizados frente ao sistema porque não participavam dele. Diante desta reviravolta, a tarefa da crítica de arte seria somar esforços não apenas para entender o fenômeno novo, mas ajudar a implementar com mais rapidez a agenda decolonial.

Ao longo do livro cuja capa é uma obra digital de Denilson Baniwa, Alessandra fornece um “panorama” crítico dos temas, problemas, instituições e personagens da chamada “postura decolonial” na arte

contemporânea brasileira, a saber: a presença inusitada de criadores e temáticas indígena, feminista, negra, LGBTQIA+. Para dar forma a essas mudanças detectadas, o livro adota o vocabulário cada vez mais em voga no debate: invisibilidade/visibilidade, futurismo, voz/silenciamento, reparação, desumanização, insurgência, lugar de fala e voz autorizada, reapropriação, arte feminista, pluralismo, identidade, raça, gênero, classe social, etnia, justiça social, margens, centro, periferia, epistemologia, contraepistemologia, privilégio branco, espoliação, representatividade etc.

Como mostra a autora, ao historiar o conceito, a decolonialidade pretende ser uma teoria com prática, isto é, ser decolonial implicaria, ela ensina, um *fazer* para além de um *pensar* puramente teórico. No limite, a decolonialidade seria a intervenção no sistema da arte para modificar as bases que sustentam uma série de desigualdades sócio-históricas. Nesse sentido entende-se porque a pesquisadora aposta que não apenas a decolonialidade é um novo paradigma

epistemológico, quanto é capaz de mudar o sistema da arte. Em seus termos, um tanto otimistas demais, a postura decolonial pode ajudar no processo de “reparação histórica diante do sistemático apagamento das experiências e memórias de grupos sociais minorizados” (p.15).

Dividido em nove capítulos, o livro reúne artigos publicados tanto na imprensa quanto em revistas acadêmicas especializadas e na própria ABCA que acompanham a mudança revelando nomes de artistas, coletivos, curadores e pesquisadores em alguns pontos do Brasil com destaque para os atuantes no eixo Rio de Janeiro-São Paulo e Sul da Bahia, ainda que haja pessoas citadas que não provenham exatamente destes lugares. A produção plástica cruzada à luta pela posse da terra marca os cenários descritos por exemplo no Sul da Bahia, ambiente que levou a docente a seguir um currículo crítico relacionado com os problemas locais abrindo mão em grande medida de um currículo euro centrado. Sua atividade docente e o empenho em conseguir financiamento lhe permitiram reunir alguns dos

dados apresentados nos artigos: “Insurgências poéticas contra a morte e a desumanização: possibilidades estéticas de um futurismo indígena” (p.p.109-134) e “Ancestralidade high-tech dos povos originários” (p.p.209-222). Um dos méritos do livro é apresentar a noção de decolonial como um saber-fazer-pensar desde o Sul global explorando a gênese do conceito via o grupo Modernidade, Colonialidade, Decolonialidade (MCD). A explicação da pesquisadora do MCD, Catherine Walsh (2009) é, nesse ponto esclarecedora (p.27), todavia passível de críticas pois a decolonialidade tem forte apoio de agências de fomento à pesquisa sediadas nos EUA, o que, do ponto de vista geopolítico, não é algo desprezível. Segundo Alessandra, o alvo crítico do grupo MCD é o modo de pensar “ocidental” marcado pela colonização da terra, dos corpos e do pensamento. Termo problemático, a noção de “ocidental” é neste livro complicada como é em tantos outros, já que dizer ocidental não significa qualificar aonde começa ou termina esse território material e simbólico espalhado pelo planeta de tantas formas

e tamanha penetração que às vezes algo tido por “ocidental” se visto mais de perto não o é tanto assim. Ademais a própria noção nos estudos culturais e no ativismo social soa, muitas vezes, caricata. Poderia usar uma terminologia de sabor marxista, portanto mais direta: imperialismo, burguesia, capitalismo, exploração, classe operária e isso é um problema nos estudos culturais, na antropologia e nas humanidades pois à linguagem é atribuído um poder quase mágico de transformar a realidade social. O livro porém guarda boas surpresas quando vai ao ponto e revela os processos de “privatização da arte” como na referência à SP-Arte em 2022 e expõe a lógica da “compensação simbólica” pela espoliação que praticam os donos de instituições como Inhotim, Google ou (CIA) Central Intelligence Agency (p.64). O problema aqui está no fato de que esses grupos financiam movimentos sociais em países como o Brasil, o que permite relacionar situações politicamente dramáticas e os fatos correlatos: enquanto a decolonialidade começara a ganhar força no Brasil simultaneamente foi sendo engendrado

o golpe que destituiu Dilma Rousseff (responsável, entre outras ações, pela política de expansão das universidades federais) e prendeu o hoje novamente presidente Lula. Por trás dessa destruição estão grupos como a CIA que há alguns anos vem financiando o debate identitário contra a soberania de uma série de países. Nesse sentido, o livro não esclarece as relações entre decolonialidade e financiamento imperialista da diversificação identitária contra identidades nacionais.

Em diálogo com diferentes autores e interlocutores de pesquisa indígenas, quilombolas e ativistas do MST, predomina nos primeiros artigos referências ao grupo MCD, com destaque à análise de dois artigos do semiólogo argentino Walter D. Mignolo ainda inéditos no Brasil: “A visão decolonial nas artes a partir de dois artigos de Walter D. Mignolo” (p.p.153-168). Neles, daí o interesse para o livro, o autor trata especificamente de artes visuais e aprofunda a distinção entre *estética* e *aesthesis*, preferindo esta última porque definiria as particularidades da postura decolonial que se distingue

de um sentido puramente contemplativo, ocolocêntrico que emerge, segundo Mignolo, a partir do século XVIII com Johann Winckelmann entre outros autores. É sintomático que Simões use, às vezes, uma terminologia oscilante o que indica o quanto sua pesquisa está em aprofundamento como quando afirma: “Proponho, a partir desse panorama, um diálogo entre as teorias da arte e a visão decolonialista (...) p.31. Ao referir à “visão decolonialista” a autora perde a oportunidade de aplicar na prática uma postura decolonial que, creio, caberia melhor termos como cosmopercepção indicando o ocolocentrismo tão criticado por pesquisas antropológicas. Para algumas sociedades a visão não tem o mesmo valor que na tradição ocidental. Para além do MCD, no Brasil, há autores de referência para o debate decolonial como a cientista social Luciana Ballestrin da UFPEL, ao mesmo tempo que Alessandra aciona o pensamento crítico sobre as artes visuais citando nomes como Renata Felinto, Luciara Ribeiro, Igor Simões, Rafael Cardoso, Daniel Dinato, Jaider Esbell entre outros.

No artigo “Artistas brancos e decoloniais: lugar de fala nas obras de Adriana Varejão e Luís Zerbini” (p.p.135-152) nota-se que esses artistas pelo privilégio que tinham de se colocar criticamente anteciparam algumas das discussões presentes na dita virada decolonial. Ainda na década de 1990 questões caras ao debate identitário atual já apareciam em seus trabalhos como gênero, raça, identidade (inclusive identidade nacional) e margens geopolíticas. A poética destes artistas permite à autora explorar a discussão sobre autoridade intelectual e experiência social via o conceito de “lugar de fala” difundido no Brasil por Djamila Ribeiro. A noção de privilégio reaparece no último artigo do livro “Por que pluralidade crítica?” (p.223-236). Aqui são discutidos os incômodos pessoais de ser uma mulher branca de origem nordestina em um mundo necessitado de mudanças, daí a decolonialidade ajudar na autopercepção dos privilégios e aparecer como um novo paradigma científico. Adicionalmente o artigo descreve como surgiu a Comissão Pluralidade Crítica na ABCA

que ajudou a diversificar o perfil social dos críticos, da crítica e da premiação reconhecendo o papel importante de agentes como Gilda de Mello e Souza (crítica), Yêdamaria (artista e educadora), Emanuel Araújo (coleccionador) entre outros.

O ponto alto do livro é a reflexão sobre o “África-Brasil Museu Intercontinental” no Espírito Santo (p.p.201-208), no qual a crítica ao Estado e às políticas públicas de cultura, que praticamente não aparece ao longo do livro, está presente exatamente no descaso (problema amplo da cultura política e das políticas culturais no Brasil que sem ser decolonial nem nada é capaz de pôr fogo no Museu Nacional e na Cinemateca Brasileira) com o referido museu. Esse é um ponto importante pois o livro mostra como o sistema de arte é amplamente controlado pelo mercado, instituição nenhum pouco abstrata que, ao menos no Brasil costuma se beneficiar de renúncia fiscal e só aposta em algum artista após a chancela de uma instituição pública. Exemplos de editais, como o programa de exposições do Centro Cultural

São Paulo (CCSP) ou a Funarte somem do livro apesar de sua importância, porém, instituições privadas como o Museu de Arte de São Paulo, ou a Pinacoteca do Estado de São Paulo gerida por uma Organização Social, ou seja, só parcialmente pública, participam da reflexão.

Finalmente, algo desfavorável para qualquer livro de artes visuais é a ausência de imagens das obras citadas nos diversos textos. O fato é revelador de que uma postura decolonial defendida às vezes com ardor pela autora fica frágil frente à realidade da falta de recursos que assola pequenas editoras país afora, efeito direto do modo como o sistema da arte agora também com um viés decolonial identitário opera. Concentrador mor de recursos e isso inclui, não esqueçamos, também o controle da circulação das imagens, deveria vir dessa esfera o dinheiro necessário para a produção deste livro sobre artes visuais que contribui com o campo das artes de modo geral. O fato deve nos ensinar que a crítica decolonial deve antes de tudo fortalecer Estados nacionais subalternizados no jogo geopolítico



Fig. 2: Capa do livro: *A virada decolonial na arte brasileira*. Foto: Divulgação.

imperialista. Tal crítica deve ajudar ainda a pressionar o Estado nacional a empenhar mais recursos em políticas culturais transformadoras já que a onda decolonial vai passar e toda a movimentação feita corre o risco de perder seus melhores frutos seja no campo da expressão artística, da crítica, da pesquisa e da produção de livros.

Para Alessandra Simões Paiva, a virada decolonial na arte brasileira não apenas é um novo paradigma quanto, por essa razão, faria frente a “ondas conservadoras” (p.17). Contudo, será mesmo que a arte que se encontra em um estágio de elevado controle pelo sistema financeiro seria capaz de tal feito? Ondas conservadoras se resolvem com taxaço das grandes fortunas, distribuição de renda, aumento do poder de compra do salário mínimo, acesso à educação básica e superior pública, gratuita e de qualidade, acesso universal à saúde, incluída a saúde mental, moradia e uma série de direitos correlatos. Que a virada crítica se aprofunde na confrontação política da ação colonizatória e concreta do sistema financeiro atual e suas mazelas que não são poucas.

PAIVA, Alessandra Simões. A virada decolonial na arte brasileira. Bauru, SP: Mireveja, 2022 (<http://www.editoramireveja.com>), 240 páginas

ALEXANDRE ARAUJO BISPO

Antropólogo, crítico de arte, curador independente. Pesquisa práticas de memória, fotografia amadora e de família, cultura visual, arquivos pessoais, antropologia urbana e imaginação urbana. No campo das artes visuais enfatiza as poéticas afro-brasileiras. Pesquisador do Coletivo ASA - Artes, Saberes, Antropologia. Desde 2016 dirige a empresa Consenso: Cultura, Memória e Educação pela qual realiza curadoria de exposições, diagnóstico e cuidados com acervos. Co-autor de: *Artes, saberes, antropologia* (2021); *Paulo Nazareth: Melee* (2021); *Cidades sul-americanas como arenas culturais* (2019). Tem textos nas revistas: Revista E; ZUM; SP-Arte; Pivô; Contemporary And; Omenelick 2º Ato. Curador entre outras exposições de: *Margens de 22: Presenças Populares* (2022) e *Vontade de saber: erotismo* (2008).